

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA



**MOTIVAÇÕES PARA O PERDÃO NA RELAÇÃO DE CASAL:
PREDITORES E EFEITOS NA SATISFAÇÃO**

Mariana Natividade Teixeira Chaves

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicoterapia Cognitiva -
Comportamental e Integrativa)**

2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA



**MOTIVAÇÕES PARA O PERDÃO NA RELAÇÃO DE CASAL:
PREDITORES E EFEITOS NA SATISFAÇÃO**

Mariana Natividade Teixeira Chaves

Dissertação orientada pelo

Professor Doutor João Manuel Monteiro da Silva Moreira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde /
Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa)**

2016

Agradecimentos

Como referido por António Machado “o caminho faz-se caminhando”, com o auxílio de todas as pessoas que contribuíram para a realização desta investigação.

Ao meu orientador, o professor João Moreira, pela partilha de conhecimentos, indicações, sugestões nos momentos de maior dúvida, pela transmissão de tranquilidade nos momentos de maior ansiedade e por toda a sua imprescindível ajuda durante toda esta “caminhada”.

Aos meus pais, por todo o amor e paciência nos momentos de maior ansiedade e impaciência.

À minha irmã, pelo apoio prestado ao ajudar-me noutras tarefas de modo a conseguir dedicar-me a este trabalho e pelo incentivo nos momentos de maior incerteza.

Aos meus tios, avós e primos, pela compreensão da minha ausência por mais difícil que fosse, o não estar a partilhar com os mesmos, muitas experiências de vida.

Ao meu “mais que tudo nesta vida e na outra”, o meu Filipe, pelo amor, pela paciência e pelo apoio quando colocava em causa as minhas capacidades para continuar a “caminhar” neste árduo, mas satisfatório “caminho”.

Aos meus colegas, pelo apoio e partilha de conhecimentos em momentos de maior dúvida.

E, a todos os participantes que se disponibilizaram em contribuir neste estudo, pois sem os mesmos este trabalho não seria possível.

A todos um sincero Muito Obrigada!

Resumo

O Perdão é um conceito controverso, pois os benefícios que parece apresentar não se verificam em todos os estudos. Estas variações podem ser devidas à existência de diferentes tipos de perdão, por exemplo com diferentes motivações subjacentes. Assim, com base na teoria da autodeterminação, o presente estudo procurou identificar os preditores e as consequências de motivações mais autónomas e mais controladas para o perdão na relação de casal, algo que ainda não tinha sido estudado. Neste sentido, foi construído o Questionário de Motivações para o Perdão na Relação de Casal (QMPRC). Aplicado a uma amostra ($N = 68$) em que a maioria dos participantes se encontrava numa relação de namoro, foram encontrados, através da análise fatorial exploratória, os dois fatores esperados. Os resultados demonstram que não existe relação entre a predisposição e as motivações autónomas para perdoar e a satisfação na relação. Porém, os participantes com motivações mais controladas para o perdão apresentam menor satisfação na relação de casal. Por fim, as motivações para estar na relação e a empatia são preditoras das motivações para o perdão e da satisfação na relação.

Palavras-chave: PERDÃO; MOTIVAÇÃO; AUTO-DETERMINAÇÃO; SATISFAÇÃO NA RELAÇÃO.

Abstract

Forgiveness is a controversial concept, because the benefits it seems to bring about are not found in every study. These variations may be due to the existence of different kinds of forgiveness, for example having different underlying motivations. Therefore, based upon self-determination theory, the present study sought to identify predictors and consequences of more autonomous and more controlled motivations for forgiveness in a couple relationship, something that had not yet been studied. For this purpose, we constructed the Motivations for Forgiveness in a Couple Relationship Questionnaire (QMPRC) and administered it to a sample (N = 68) in which the majority of the participants were in a dating relationship. The two expected factors were found through exploratory factor analysis. The results show that there is no relation between the predisposition and the autonomous motivation to forgive and satisfaction in the relationship. However, participants with more controlled motivations for forgiveness have lower satisfaction in their couple relationship. Finally, motivations for being in the relationship and empathy are predictors of the motivations for the forgiveness and of relationship satisfaction.

Key words: FORGIVENESS; MOTIVATION; SELF-DETERMINATION; RELATIONSHIP SATISFACTION.

Introdução

Quando ocorre uma transgressão, ou seja, um comportamento que as pessoas percebem como violando as suas expectativas e concepções sobre o self, os outros e o mundo como “deveriam ser”, surgem normalmente pensamentos negativos, sentimentos (e.g., zanga) ou comportamentos (e.g., vingança) sobre o ofensor e/ou a transgressão (Thompson et al., 2005). Contudo, o perdão poderá permitir que se consiga ultrapassar uma transgressão. O perdão ocorre, inicialmente num plano interno e individual (perdão intrapessoal), que se refere aos sentimentos do ofendido acerca da transgressão, bem como ao processo cognitivo que medeia esses sentimentos (Worthington, 1998). O perdão envolve, por parte do ofendido, uma reorganização dos seus pressupostos anteriores e dos da realidade da transgressão, numa nova compreensão da transgressão, do ofensor, das consequências da ofensa, e possivelmente do self, dos outros e/ou do mundo (Thompson et al., 2005). Seguidamente, poderá ocorrer uma passagem para uma dimensão interpessoal do perdão, em que o perdão está inicialmente centrado no bem-estar psicológico do ofendido, mais tarde no do ofensor, num movimento de dentro para fora (Enright & Fitzgibbons, 2000). Desta forma, o perdão interpessoal envolve a transação social entre o ofendido e o ofensor, e os seus efeitos na relação (Worthington, 1998). Segundo Fincham (2010), o autor que analisou em melhor detalhe esta temática, não são considerados sinónimos de perdão alguns constructos como “tolerar” (o termo em inglês é *condoning*) e “esquecer” (*forgetting*) ou mesmo “absolvição” (*pardon*) e “reconciliação” (*reconciliation*). O “tolerar” consiste em deixar de ver o ato como uma ofensa, daí não existir a necessidade de perdão; o “esquecer” é remover a ofensa da consciência; a “absolvição” consiste num ato judicial, concedido apenas por um juiz, daí ser considerado um perdão judicial e a “reconciliação”, que consiste na restauração da relação, envolve um processo diádico. Existe uma diferença entre perdão e reconciliação, na medida em que é possível que haja reconciliação sem perdão e perdão sem reconciliação, ainda que o perdão aumente a

probabilidade de reconciliação. O perdão é principalmente intrapessoal, pois as mudanças motivacionais ocorrem em grande parte dentro do indivíduo. Pelo contrário, na reconciliação, é necessário que haja um investimento de ambos os intervenientes, envolvendo restauração da confiança e benevolência de ambos os parceiros. Segundo o mesmo autor, existem vários tipos de perdão conotados com dimensões positivas (e.g., benevolência) e negativas (e.g., zanga). O perdão ambivalente consiste no aumento do comportamento positivo e do afeto direcionados ao parceiro, apesar da existência de sentimentos negativos. O perdão completo envolve uma mudança em ambas as dimensões do perdão (positiva e negativa), com um aumento dos sentimentos positivos e diminuição dos sentimentos negativos, o que provavelmente resultará numa reparação da relação e reconciliação. O perdão individual (o termo em inglês é *detached forgiveness*) ocorre quando o parceiro se encontra menos motivado para punir e evitar o ofensor, não estando, no entanto, motivado para envolver-se com este. Por fim, o não-perdão (*unforgiveness*) ocorre quando a seguir a alguma transgressão, o ofendido se encontra motivado para evitar ou punir o parceiro e não está motivado para aproximar-se dele, não perdendo.

Para que haja perdão terá de existir uma predisposição para perdoar. Segundo Berry, Worthington, Parrott, O'Connor e Wade (2001), esta predisposição é considerada como um traço de personalidade, sendo estável ao longo do tempo e das situações. Segundo os mesmos autores, está associado negativamente com a raiva, ansiedade e ruminação na sequência de transgressões e associado positivamente com traços de personalidade (e.g., agradabilidade) e com a espiritualidade (e.g., Beltrão, 2012). Os antecedentes (e.g., agradabilidade e espiritualidade) contribuem para a predisposição para perdoar. Porém, num contexto de relação de casal, o estilo de vinculação, a satisfação com a relação e as motivações para estar nela são provavelmente algumas das variáveis que mais influenciam o perdão.

Perdão e Teoria da vinculação

O termo vinculação foi mencionado inicialmente no trabalho de Bowlby. Durante a infância, devido à imaturidade extrema no nascimento, é necessário um sistema comportamental complementar, de forma a criar proximidade (i.e., de modo a fornecer proteção e cuidado) entre o cuidador e a criança (Hazan & Shaver, 1994). Posteriormente, o estudo de Ainsworth (i.e., procedimento laboratorial estandardizado conhecido como Situação Estranha) permitiu identificar três estilos de vinculação: segura, ansioso/ambivalente e ansioso/evitante, a partir da observação das reações dos bebês às separações e reuniões com as suas mães (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978). Na idade adulta, é principalmente nas relações de casal que se encontram comportamentos de vinculação (seguro; ansioso/ambivalente e ansioso/evitante) semelhantes aos observados nas crianças (Hazan & Shaver, 1987). Esta continuidade dos estilos de vinculação da infância para a idade adulta é explicada pela ação dos *internal working models*, que preservam as representações da experiência de interação com as figuras de vinculação (Bowlby, 1979). Atualmente no estudo da vinculação dos adultos, o mais comum é uma abordagem de dois fatores, evitação e preocupação (ansiedade / ambivalência), que correspondem grosso modo ao modelo do outro e modelo do *self*. Existem implicações destes modelos no perdão e na tendência para perdoar. De acordo com Kachadourian, Fincham e Davila (2004), as pessoas com um modelo mais positivo do outro (menos evitantes) podem apresentar um comportamento mais tolerante, pois confiam no parceiro, fazendo atribuições mais positivas para a transgressão e mantendo a proximidade com o mesmo. Contudo, com um modelo mais negativo, há menos probabilidade de existir perdão, porque o ofendido poderá ver a transgressão como uma prova que o parceiro não está disponível e é pouco confiável. Relativamente ao modelo do *self*, a associação com o perdão é menos clara. De qualquer forma, estes autores argumentam que as pessoas com um modelo negativo do *self* (ansiosas/ ambivalentes) podem perdoar como

forma de manter o relacionamento, pois temem ser abandonadas. No entanto, podem apresentar emoções desagradáveis (e.g., raiva intensa, ruminação de sentimentos de raiva; Mikulincer, 1998) que impedem o processo de perdão. Por fim, com um modelo do *self* positivo, as pessoas podem ser mais propensas a perdoar, porque têm uma alta autoestima e não se sentem desvalorizadas pela transgressão cometida pelo parceiro. Portanto, uma vinculação segura (modelo positivo do *self* e do outro) deverá estar relacionada com a predisposição para perdoar as transgressões do parceiro.

Perdão e Empatia

De forma geral, segundo Blair (2005), a empatia consiste numa reação emocional do observador ao estado afetivo de outro indivíduo (observado). Este autor distinguiu três sistemas principais que estão agrupados no conceito de empatia: cognitiva, emocional e motora. A empatia cognitiva existe quando o indivíduo representa mentalmente o estado interno do outro (e.g., escalas de Perspective Taking e Online Simulation em Reniers, Corcoran, Drake, Shryane, & Völlm, 2011). A empatia emocional é uma compreensão do estado emocional do outro, em resposta à sua expressão emocional ou a partir do significado da situação (e.g., Emotion Contagion, Peripheral Responsivity e Proximal Responsivity em Reniers et al., 2011). Por fim, a empatia motora é descrita como a ação de imitar as respostas motoras da pessoa observada. A empatia pode ser um mediador do perdão, pois o conjunto de mudanças motivacionais que constituem o perdão são facilitadas pelo desenvolvimento de empatia pelo ofensor, fazendo com que as suas transgressões sejam ofuscadas (McCullough, Worthington, & Rachal, 1997). Desta forma, estas mudanças motivacionais ocorrem porque a empatia permite, por parte do ofendido, o desejo de voltar a sentir preocupação para com o transgressor. Existe uma suposição de que o ofensor se sente culpado pelo seu comportamento e anseia restabelecer o relacionamento, e um desejo por parte do ofendido de restaurar a relação. O aumento de empatia está ainda relacionado com reduções das motivações de

evitamento e vingança para com o ofensor (McCullough et al., 1998). No estudo de Paleari, Regalia e Fincham (2005), verificou-se que o perdão em relação ao cônjuge está relacionado diretamente com a empatia emocional e com as atribuições do ofendido, influenciando indiretamente a qualidade do casamento, o que mostra a importância do perdão nas relações de casal.

Perdão e Satisfação na relação de casal

A satisfação na relação de casal consiste na avaliação global que o casal faz do seu relacionamento (Mattson, Rogge, Johnson, Davidson, & Fincham, 2013). De acordo com Fincham, Beach e Davila (2004), numa relação de casal, o ser benevolente (dimensão positiva do perdão) no caso de uma transgressão, é uma estratégia de resolução de conflitos eficaz. Sem a presença do perdão na relação, a ruminação (Paleari et al., 2005) e os ciclos de reciprocidade negativa poderão dar azo ao aumento dos níveis de agressão psicológica e abuso. Portanto, o perdão permite sair do ciclo coercivo de interação negativa recíproca, pois o outro sente-se menos orientado a continuar com o comportamento negativo. O perdão está ainda positivamente relacionado com a autorregulação do parceiro ofendido, no sentido de haver um esforço na relação, estando associado a uma maior satisfação na relação de casal (Braithwaite, Selby, & Fincham, 2011).

Motivações para o Perdão e Teoria de Autodeterminação

A ideia central do presente estudo é de que as motivações para o perdão condicionam os seus efeitos. Neste sentido, fez-se apelo à Teoria da Autodeterminação. Nomeadamente, no estudo de Beltrão (2012) foi encontrado que o perdão apenas tinha efeito positivo sobre o bem-estar quando era concedido por motivações autónomas. Adicionalmente, no contexto de relação de casal, esta teoria foi utilizada no estudo das motivações para estar na relação (Blais, Sabourin, Boucher, & Vallerand, 1990). De acordo com a Teoria da Autodeterminação (Deci & Ryan, 2000; Ryan & Deci, 2000), a motivação difere em termos de quantidade e tipos.

Desta forma, a teoria da autodeterminação distingue diversas razões e objetivos que levam uma pessoa a agir. As noções mais básicas e opostas são entre motivação intrínseca e extrínseca. A motivação intrínseca consiste no envolvimento numa atividade pela satisfação que lhe está inerente, não sendo coagido por nenhuma recompensa e/ou pressões externas. Na relação de casal, a motivação intrínseca manifesta-se quando os parceiros estão motivados em estar na relação pelo prazer das atividades do dia-a-dia, ou seja, os momentos agradáveis e de diversão que vivenciam (Blais et al., 1990). No que se refere à motivação extrínseca, consiste no envolvimento numa atividade com objetivos instrumentais, de modo a obter recompensas externas e a evitar punições. A motivação extrínseca pode dividir-se em regulação externa, introjetada, identificada e integrada, que diferem no tipo de regulação. Este distribui-se num *continuum*, da experiência/perceção de uma regulação mais controlada (pressionada ou coagida por pressões externas) para uma mais autónoma (com maior autonomia na intencionalidade de agir; Deci & Ryan, 2008). Deste modo, na regulação externa, os comportamentos são motivados por uma exigência ou recompensa imposta pelo exterior, por isso as pessoas sentem que o seu comportamento é regulado e controlado pelos outros. Numa relação de casal, uma pessoa poderia estar num relacionamento devido a objetivos como obter segurança, luxos ou reconhecimento social (Blais et al., 1990). A regulação introjetada é um tipo de regulação controlada por imperativos internos, que é ainda experienciada como controlada pelo exterior, porque o comportamento é motivado de modo a evitar sentir culpa e ansiedade, influenciando a autoestima. Neste caso, numa relação de casal, uma mulher estaria na relação porque se sentiria culpada se se separasse. A regulação identificada consiste na experiência de uma maior escolha e autonomia do comportamento, pois a pessoa identifica-se com a atividade em que se envolve e a mesma tem um valor pessoal para a própria (Blais et al., 1990). Numa relação de casal, um homem poderia manter-se na relação porque sente que isso lhe permite participar em diferentes atividades escolhidas pelo próprio (Blais et al., 1990).

Por fim, a forma mais autónoma de motivação extrínseca, a regulação integrada, consiste não só na identificação da importância dos comportamentos, mas também na integração destas identificações com outros aspetos do self. Numa relação de casal, uma mulher está numa relação porque o parceiro lhe permite construir uma família, sendo algo que ela ambiciona (Blais et al., 1990). Por outro lado, a amotivação consiste na ausência de qualquer tipo de motivação, pois existe uma falta de autoeficácia e controlo sobre o objetivo desejado e uma completa falta de autodeterminação (Blais et al., 1990). Por exemplo: uma mulher que não encontra razões para viver com o seu marido e se sente sem esperança que algo possa melhorar o seu relacionamento (Blais et al., 1990).

O presente estudo é importante, pois a nível nacional existem alguns estudos sobre o perdão (Barros-Oliveira, 2010; Beltrão, 2012) mas não no contexto de uma relação de casal e com as variáveis deste estudo. Desta forma, apresenta como principais objetivos: desenvolver um novo instrumento que permita explorar as motivações para o perdão no contexto de relação de casal; compreender o impacto do estilo de vinculação, das motivações para estar na relação e da empatia na predisposição, nas motivações para perdoar e na satisfação na relação de casal; e compreender o efeito da predisposição e das motivações para perdoar na satisfação relacional. Foram formuladas as seguintes hipóteses: a1) a influência dos estilos de vinculação preocupado e evitante nas motivações autónomas e controladas para o perdão é mediada pelas motivações autónomas e controladas para estar na relação; b1) motivações controladas para estar na relação relacionam-se com motivações controladas para o perdão; b2) a influência das motivações controladas para estar na relação na satisfação na relação de casal é mediada pelas motivações controladas para o perdão; b3) motivações autónomas para estar na relação associam-se a motivações autónomas para o perdão e a uma maior satisfação na relação de casal; c1) Os participantes com motivações mais autónomas para o perdão apresentam maior satisfação na relação de casal; c2) os participantes com motivações mais

controladas para o perdão apresentam menor satisfação na relação de casal; d1) as motivações controladas e autónomas para o perdão associam-se com a predisposição para o perdão; d2) existe uma influência da predisposição para o perdão na satisfação na relação de casal; e1) a empatia cognitiva relaciona-se com motivações autónomas para o perdão; e2) a empatia emocional associa-se com motivações controladas para perdoar; e3) a influência da empatia na satisfação global é mediada pelas motivações para o perdão.

Método

Participantes

O Questionário de Motivações para o Perdão na Relação de Casal (QMPRC) foi respondido por 100 participantes. Contudo, só finalizaram todos os questionários 68 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 54 anos ($M = 27$; $SD = 9.31$), dos quais 53 (77.9%) eram do sexo feminino e 15 (22.1%) do sexo masculino. Apesar de terem acedido à plataforma 200 participantes, 100 deles não forneceram dados para qualquer das variáveis incluídas nos modelos de equações estruturais. Portanto, as restantes respostas foram utilizadas através de um algoritmo de imputação múltipla (Arbuckle, 2014), que permite substituir os dados que estão omissos e aproveitar o máximo de informação possível. Relativamente ao nível de escolaridade, a maioria dos participantes possuía o grau de Licenciatura (38.2%; $n = 26$). Os restantes participantes tinham o nível do Ensino Secundário (32.4%; $n = 22$); de Mestrado (23.5%; $n = 16$) ou de Doutoramento (4.4%; $n = 3$). Só um tinha menos do que o nível de Ensino Básico (1.5 %). Em relação ao estar envolvido(a) numa relação de casal, a maioria dos indivíduos (79.4%; $n = 54$) estavam envolvidos e os restantes 20.6% ($n = 14$) não. Em relação ao tipo de relação, dos 68 participantes, a maioria encontrava-se numa relação de namoro (64.7%; $n = 44$). Os restantes participantes mantinham uma relação de casamento (20.6%; $n = 14$), de coabitação (13.2%; $n = 9$) ou de noivado

(1.5%; $n = 1$). Por fim, para os que estavam numa relação, a sua duração estava compreendida entre 2 meses e 35 anos, com uma média de 5.52 e um desvio padrão 5.82 anos.

Procedimento

Os dados deste estudo foram recolhidos de forma anónima através da Plataforma online *Qualtrics* subscrita pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Para puderem participar, era necessário os indivíduos preencherem os critérios de ter pelo menos 18 anos e de ter tido pelo menos uma relação de casal (i.e., uma relação exclusiva de namoro, coabitação, noivado ou casamento). Em seguida, eram apresentadas as instruções de participação e, depois de os participantes darem o seu consentimento, iniciavam o preenchimento dos dados demográficos e dos respetivos questionários. Consoante a opção colocada no dado demográfico sexo, eram remetidos para uma versão masculina ou feminina dos questionários. Por fim, se os participantes estivessem atualmente envolvidos numa relação, deviam responder relativamente à sua relação atual e, se não estivessem envolvidos, deviam responder relativamente à sua relação significativa mais recente.

Instrumentos de avaliação

Questionário de Motivações para o Perdão na Relação de Casal (QMPRC)

O Questionário de Motivações para o Perdão na Relação de Casal (QMPRC) foi desenvolvido para o presente estudo, de modo a avaliar os tipos de motivações para perdoar o parceiro. Desta forma, os 41 itens eram constituídos por itens que continham os tipos de motivações para perdoar o parceiro, construídos a partir da Teoria de Autodeterminação e por itens obtidos da Escala sobre o Perdão (Barros, 2002; e.g., “Perdoo o meu parceiro mesmo que me tenha ofendido”), com o objetivo de avaliar a disponibilidade para perdoar na relação de casal. Foi solicitado a cada participante que respondesse consoante uma escala de Likert de cinco pontos, de 1 - discordo completamente a 5 - concordo completamente. Nos

questionários, estes itens foram misturados, mas para a realização da análise fatorial exploratória só foram incluídos os itens das motivações para perdoar.

Deste modo, foi utilizado o método de componentes principais com uma rotação ortogonal do tipo *Varimax*. O número de fatores a extrair foi determinado através do “Teste do Cotovelo”, extraindo 2 fatores: Fator 1- Motivação Controlada para Perdoar (e.g., “Porque a minha família ficará desapontada se me separar dele”) e Fator 2 – Motivação Autônoma para Perdoar (e.g., “Porque conquistámos muita coisa juntos”). Os itens para a versão final do instrumento foram selecionados com base da análise fatorial e no seu contributo para a consistência interna da escala, assegurando ao mesmo tempo um número razoável de itens e uma precisão adequada. Assim, a versão final do questionário ficou constituído por 12 itens. Os coeficientes de alfa de Cronbach foram .88 para o Fator 1 (6 itens) e .82 para o Fator 2 (6 itens).

Questionário da Empatia Afetiva e Cognitiva (QCAE)

Este questionário (Reniers et al., 2011; traduzido por Inês Casqueiro, Diana Prata e João Moreira) é constituído por 31 itens e foi desenvolvido para avaliar a empatia afetiva e cognitiva. Foi solicitado a cada participante que respondesse, numa escala de Likert de quatro pontos, de 1 - “discordo fortemente” a 4 - “concordo fortemente”. Tendo em conta que a versão portuguesa do QCAE foi utilizada pela primeira vez neste estudo, as suas propriedades foram analisadas através de uma análise fatorial exploratória. Do mesmo modo que o autor deste questionário, utilizou-se o método de análise em componentes principais, com uma rotação *direct oblimin*. O número de fatores a extrair foi determinado através do “Teste do Cotovelo”, extraindo-se 4 fatores em vez de 5, como no estudo original (Reniers et al., 2011). Assim, no Fator 1, ao agrupar itens que se referem à crença do sujeito na sua capacidade de se colocar intuitivamente no lugar do outro, preferimos designá-lo por Autoeficácia para a Empatia (e.g., “Consigo facilmente perceber sobre o que é que a outra pessoa me pode querer

falar”; correspondendo à Perspective Taking em Reniers et al., 2011). O Fator 2, designado por Contágio Emocional, consiste no espelhar automaticamente os sentimentos dos outros (e.g., “Afeta-me muito quando um dos meus amigos parece transtornado”). O Fator 3, agrupando itens que se referem ao esforço para se colocar na posição do outro, imaginando como o mesmo se sente, preferimos designá-lo por Atitude Empática (e.g., “Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse no seu lugar”; correspondendo à Online Simulation em Reniers et al., 2011). Por fim, o Fator 4 em que se agrupam itens que refletem uma resposta afetiva de envolvimento intenso nos sentimentos dos outros, que designámos por Imersão (e.g., item 11 “Acontece-me muitas vezes ficar profundamente envolvido com os sentimentos de uma personagem num filme, peça ou romance”; correspondendo ao Peripheral Responsivity em Reniers et al., 2011). A versão final do questionário é constituída por 24 itens com coeficientes de alfa de Cronbach de .81 (Fator 1 - 8 itens), de .77 (Fator 2 - 7 itens), de .71 (Fator 3 - 6 itens) e de .71 (Fator 4 - 3 itens).

Couple Motivation Questionnaire (CMQ)

Este questionário (Blais et al., 1990; traduzido por João Moreira, Júlia Mader (2010) e Rita Monteiro (2010)), desenvolvido para avaliar os tipos de motivações propostos pela Teoria da Autodeterminação no contexto específico das relações de casal, é constituído por 21 itens respondidos numa escala de Likert de sete pontos, de 1 - “nada” a 7 - “exatamente”. No presente estudo, os valores do coeficiente alfa de Cronbach foram de .88 para o Factor 1 (Motivações autónomas), de .86 para o Fator 2 (Amotivação) e de .72 para o Fator 3 (Motivações controladas). Foram excluídos os itens 3 (Fator 1) e 18 (Fator 3), pois faziam baixar o alfa.

Questionário de “Experiências em Relações Próximas”

Este questionário (Brennan, Clark, & Shaver, 1998; Moreira et al., 2006) foi utilizado na sua forma reduzida de 12 itens, com o objetivo de avaliar as duas principais dimensões das

diferenças individuais (Evitação e Preocupação) no domínio da vinculação dos adultos. Foi pedido que os participantes respondessem consoante uma escala de Likert de sete pontos, de 1 - “Discordo Fortemente” a 7 - “Concordo Fortemente”. Os valores do coeficiente de alfa de Cronbach obtidos no presente estudo foram .79 para a Preocupação e .86 para a Evitação.

Relationship Rating Form (RRF)

Foi utilizado este questionário (Lind, 2008), na sua versão reduzida de 33 itens (Calhau, 2014), com o objetivo de avaliar a satisfação na relação de casal. Foi pedido que os participantes respondessem consoante uma escala de Likert de nove pontos, de 1 - “nada” a 9 - “completamente ou extremamente”. Os valores do coeficiente de alfa de Cronbach obtidos no presente estudo foram de .94 para os Fatores 1 (Confiança) e 2 (Paixão) e .92 para o Fator 3 (Conflito).

Resultados

Foram criados modelos de equações estruturais (SEM - *structural equation modeling*), utilizando o *software* estatístico AMOS® 23. Os modelos de equações estruturais são uma ferramenta estatística que permite avaliar a natureza e as relações dos constructos latentes (Jackson, Gillasp, & Purc-Stephenson, 2009). Desta forma, o Modelo 1 foi construído para testar os efeitos do estilo de vinculação (preocupado e evitante) e das motivações para estar na relação (autónomas e controladas) sobre as motivações autónomas e controladas para o perdão e a satisfação na relação de casal. Para além disso, permitiu-nos também avaliar os efeitos das motivações autónomas e controladas para o perdão sobre a satisfação na relação de casal. O Modelo 2 foi construído para avaliar os efeitos das motivações autónomas e controladas para o perdão na predisposição para perdoar e o efeito da predisposição para perdoar na satisfação da relação de casal. Por fim, o Modelo 3 foi construído para avaliar os efeitos da empatia (contágio emocional, autoeficácia para a empatia e atitude empática) nas motivações autónomas e controladas para perdoar e na satisfação da relação de casal.

De acordo com Schreiber, Nora, Stage, Barlow e King (2006), na análise de equações estruturais, ao nível da adequabilidade do modelo, o rácio entre o χ^2 e os graus de liberdade (*gl*) deverá ser inferior a 3 ou, melhor ainda, inferior a 2. O *NFI* (*Normed Fit Index*) e o *CFI* (*Comparative Fit Index*) deverão, preferencialmente, obter valores iguais ou superiores a 0.95. Por fim, o *RMSEA* (*Root Mean Square Error of Approximation*), deverá ser inferior a 0.8 ou, melhor ainda, inferior a 0.6. Desta forma, o Modelo 1 demonstrou $\chi^2(238) = 428.412, p < .000$, $\chi^2/gl = 1.80$, *NFI* = .743, *CFI* = .861, *RMSEA* = .063. Portanto, apresenta um ajustamento razoável. Tendo em conta as hipóteses, a significância dos efeitos indiretos estimados foi testada no AMOS® a partir da técnica do *bootstrap* com 200 amostras e intervalos de confiança *bias corrected* de .95. Esta técnica é baseada num procedimento de reamostragem com reposição, que permite estimar a distribuição de parâmetros cuja distribuição teórica é desconhecida, sendo utilizada para encontrar os erros padrão aproximados dessa distribuição (Arbuckle, 2014).

No Modelo 1, a hipótese a1 não foi confirmada, pois não se verificou o efeito mediador da motivação autónoma para estar na relação entre o estilo de vinculação preocupado e as motivações autónomas para perdoar (efeito padronizado = .09; $p > .05$). Igualmente, não se confirmou a função mediadora da motivação controlada para estar na relação entre o estilo de vinculação preocupado e motivações controladas para perdoar (.31; $p > .05$). Em relação ao estilo de vinculação evitante, não se confirmou a função mediadora da motivação controlada para estar na relação entre o estilo de vinculação evitante e as motivações controladas para perdoar (.39; $p > .05$). Do mesmo modo, não se confirmou a função mediadora da motivação autónoma para estar na relação entre o estilo de vinculação evitante e as motivações autónomas para perdoar (-.35; $p > .05$). As hipóteses b1, b2 e b3 foram confirmadas, pois constata-se que as pessoas com uma motivação autónoma para estar na relação tendem a ter motivações autónomas para perdoar (.47; $p < .001$). Paralelamente,

quando possuem motivações controladas para estar na relação tendem a ter, igualmente, motivações mais controladas para perdoar (.86; $p < .001$). Adicionalmente, os indivíduos com motivações mais autónomas para estar na relação tendem a possuir uma maior satisfação global (.69; $p < .001$). Por outro lado, confirmou-se a função mediadora da motivação controlada para o perdão entre as motivações controladas e a satisfação na relação de casal ($p = -.322$; $p > .05$). A hipótese c1 não foi confirmada, pois não existe nenhum efeito das motivações autónomas para o perdão sobre a satisfação na relação de casal (.04; $p = .641$). Porém, a hipótese c2 foi confirmada, sendo que os participantes com motivações mais controladas para o perdão apresentam menor satisfação na relação de casal ($-.38$; $p < .001$).

O Modelo 2 demonstrou um bom ajustamento $\chi^2(48) = 67.116$, $p = .035$, $\chi^2/gl = 1.4$, $NFI = .89$, $CFI = .966$, $RMSEA = .045$. A hipótese d1 foi confirmada, sendo que os indivíduos que possuem tanto mais motivações autónomas como mais controladas para o perdão tendem a ter uma maior predisposição para perdoar (.461 e .480, $p < .001$ para ambos). Porém, não existe nenhum efeito da predisposição para o perdão sobre a satisfação na relação de casal global ($-.243$; $p = .160$). Por isso, a hipótese d2 não foi confirmada.

Por fim, o Modelo 3 apresenta $\chi^2(126) = 191.059$, $p = .000$, $\chi^2/gl = 1.52$, $NFI = .775$, $CFI = .904$, $RMSEA = .051$. Portanto, apresenta um ajustamento razoável. A hipótese e1 foi parcialmente confirmada, pois não existe nenhum efeito da autoeficácia para a empatia nas motivações autónomas para perdoar ($-.20$; $p = .245$), mas os participantes com uma maior atitude empática tendem a ter motivações mais autónomas para perdoar (.40, $p = .027$). A hipótese e2 não foi confirmada, pois não há nenhum efeito do contágio emocional nas motivações mais controladas para perdoar (.19; $p = .147$). Relativamente aos efeitos de mediação, não se confirmou a função mediadora das motivações controladas para o perdão entre o contágio emocional e a satisfação na relação de casal ($-.07$; $p > .05$). Do mesmo modo, não se confirmou a função mediadora da motivação autónoma para o perdão entre a

autoeficácia para a empatia e a satisfação na relação de casal ($-.05$; $p > .05$). Por fim, não se confirmou a função mediadora da motivação autónoma para o perdão entre a atitude empática e a satisfação na relação de casal ($.09$; $p > .05$).

Discussão

Discussão dos resultados

De acordo com os resultados do presente estudo, as motivações autónomas e controladas para estar na relação são preditores significativos das motivações para o perdão e da satisfação para estar na relação. Nomeadamente, as motivações para estar na relação com uma regulação mais controlada associam-se positivamente às motivações controladas para perdoar. Por sua vez, uma motivação controlada para perdoar está associada a uma menor satisfação na relação de casal. Na verdade, no caso de uma transgressão numa relação, as motivações que levam o parceiro a perdoar por motivações controladas são influenciadas por contingências externas, por isso existe pouca autonomia na intencionalidade de agir (Deci & Ryan, 2008), com provável influência na satisfação na relação de casal. Mais precisamente, se houvesse possibilidade de escolha, possivelmente o/a parceiro/a não escolheria aquela relação.

Por outro lado, as motivações para estar numa relação com uma regulação mais autónoma estão associadas a maiores motivações autónomas para perdoar e a maior satisfação na relação de casal. Note-se que, relativamente a este último aspeto, pessoas com motivações autónomas para estar na relação podem ser mais propensas a reconhecer e esclarecer os conflitos na relação e a compreender o parceiro (Knee, Patrick, Vietor, Nanayakkara, & Neighbors, 2002). No entanto, curiosamente, verificou-se que não existe nenhum efeito das motivações autónomas para o perdão sobre a satisfação na relação de casal. Uma possível explicação é que para que as motivações para o perdão sejam importantes é necessário que se verifiquem transgressões suficientemente relevantes e frequentes por parte do parceiro, que

possam colocar em causa o valor e a importância da relação, e a motivação autónoma para estar na relação (Deci & Ryan, 2008). Portanto, quando existe uma motivação autónoma para estar na relação, as motivações autónomas para o perdão deveram ser pouco relevantes.

Relativamente ao estilo de vinculação, não é um preditor das motivações para o perdão. No que se refere à empatia, ao contrário dos dados obtidos por McCullough et al. (1997), de que a empatia poderia ser um mediador do perdão, no presente estudo apenas a atitude empática é um preditor das motivações autónomas para perdoar. Deste modo, parecem não existir efeitos de mediação por parte das motivações para estar na relação relativamente aos efeitos do estilo de vinculação.

No que se refere à predisposição para perdoar, existe um efeito das motivações tanto controladas como autónomas sobre a predisposição para perdoar, o que comprova que as medidas da predisposição para perdoar confundem diferentes tipos de motivações para o perdão e são por isso suscetíveis de produzir resultados ambíguos.

Não existe um efeito da predisposição para perdoar na satisfação global com a relação de casal. Este resultado contrasta com o de Fincham et al. (2004) que referem que o perdão permite sair do ciclo coercivo de interação negativa recíproca. Deste modo, parecem estar de acordo com os dados do estudo de McNulty (2011), em que nomeadamente a tendência para expressar mais perdão não era preditora de diminuição da agressão física e psicológica ao longo do tempo.

Limitações e futuras direções

Em termos de limitações deste estudo, as motivações para o perdão no contexto de relação de casal ainda não tinham sido exploradas cientificamente, tendo sido necessária a construção de um novo questionário. Este foi aplicado à amostra estudada sem anteriormente ter sido realizado um pré-teste de forma a melhorá-lo (e.g., reformulação ou eliminação de itens), o que poderá constituir uma limitação do estudo. Relativamente à dimensão da amostra

(N= 68 com dados completos), esta não permitiu analisar os efeitos de variáveis demográficas, além de estar bastante abaixo da dimensão recomendada para a análises de equações estruturais (Division of Statistics + Scientific Computation, 2012). Em futuras investigações, seria importante recolher uma amostra de maior dimensão, de modo a poder explorar os efeitos dos dados das variáveis demográficas (e.g., género, tipo de relação) nas motivações para o perdão. Por exemplo, segundo Kachadourian et al. (2004), a percepção da gravidade da transgressão tem uma maior influência sobre o perdão para os parceiros do sexo masculino do que para as parceiras do sexo feminino. Relativamente ao tipo de relação, estes autores argumentam que os parceiros envolvidos numa relação de casamento têm uma maior probabilidade de perdoar as transgressões em comparação com os envolvidos numa relação de namoro, devido ao maior investimento nas relações de casamento. Adicionalmente, poderia ser interessante comparar, em termos de motivações para o perdão, os indivíduos que se encontram atualmente numa relação e os que não se encontram. Para o efeito seria necessário obter uma amostra mais equitativa de participantes envolvidos numa relação (n = 54) e de participantes não atualmente envolvidos (n = 14). Por fim, dado que os nossos resultados não mostraram efeitos significativos das motivações autónomas para o perdão e da predisposição para perdoar na satisfação na relação de casal, seria importante explorar a influência da frequência e/ou gravidade da transgressão do parceiro (McNulty, 2011) como variável moderadora dos efeitos da motivação para o perdão.

Implicações clínicas

Os resultados desta investigação, principalmente que as motivações autónomas e a predisposição para o perdão não têm um efeito na satisfação na relação de casal, têm implicações nas intervenções clínicas que fomentam o perdão. Deste modo, apesar dos benefícios das intervenções para o perdão, como a menor expressão de emoções desagradáveis (e.g., depressão e ansiedade) e maior expressão de emoções agradáveis (e.g.,

esperança; Lundahl, Taylor, Stevenson, & Roberts, 2008), os seus benefícios poderão depender da frequência e/ou gravidade da transgressão do parceiro (McNulty, 2011). Logo, se por um lado, perdoar transgressões pouco frequentes ou menores poderá ser aconselhável, porque as suas consequências não deverão ser graves, permitindo obter os benefícios do perdão (McNulty, 2011), por outro, perdoar quando existe um comportamento negativo frequente por parte do parceiro (e.g., abuso verbal, abuso físico), poderá ser prejudicial (McNulty, 2008; Gordon, Burton, & Porter, 2004), pois transgressões graves repetidas podem danificar a vítima ou o relacionamento, não se obtendo benefícios do perdão (McNulty, 2011).

Referências

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation*. Hillsdale, NJ, US: Erlbaum.
- Arbuckle, J. L. (2014). IBM® SPSS® Amos™ 23 User's Guide. Armonk, NY, US: Amos Development Corporation.
- Barros, J. (2002). Perdão: Teoria e avaliação (Proposta de uma nova Escala). *Psicologia, Educação e Cultura*, 2, 303-320.
- Barros-Oliveira, J. H. (2010). Felicidade, optimismo, esperança e perdão em jovens, adultos e idosos. *Psychologica*, 52, 123-147.
- Beltrão, A. G. (2012). *Perdonare: Internalização das motivações para o perdão e seus efeitos sobre os significados de vida*, Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Berry, J. W., Worthington, E. L., Parrott, L., O'Connor, L. E., & Wade, N. G. (2001). Dispositional forgivingness: Development and construct validity of the Transgression Narrative Test of Forgivingness (TNTF). *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27, 1277-1290. <http://dx.doi.org/10.1177/01461672012710004>.
- Blair, R. J. R. (2005). Responding to the emotions of others: Dissociating forms of empathy through the study of typical and psychiatric populations. *Consciousness and Cognition*, 14, 698–718. <http://dx.doi.org/10.1016/j.concog.2005.06.004>.
- Blais, M. R., Sabourin, S., Boucher, C., & Vallerand, R. J. (1990). Toward a motivational model of couple happiness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 1021-1031. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.59.5.1021>
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London, UK: Tavistock.

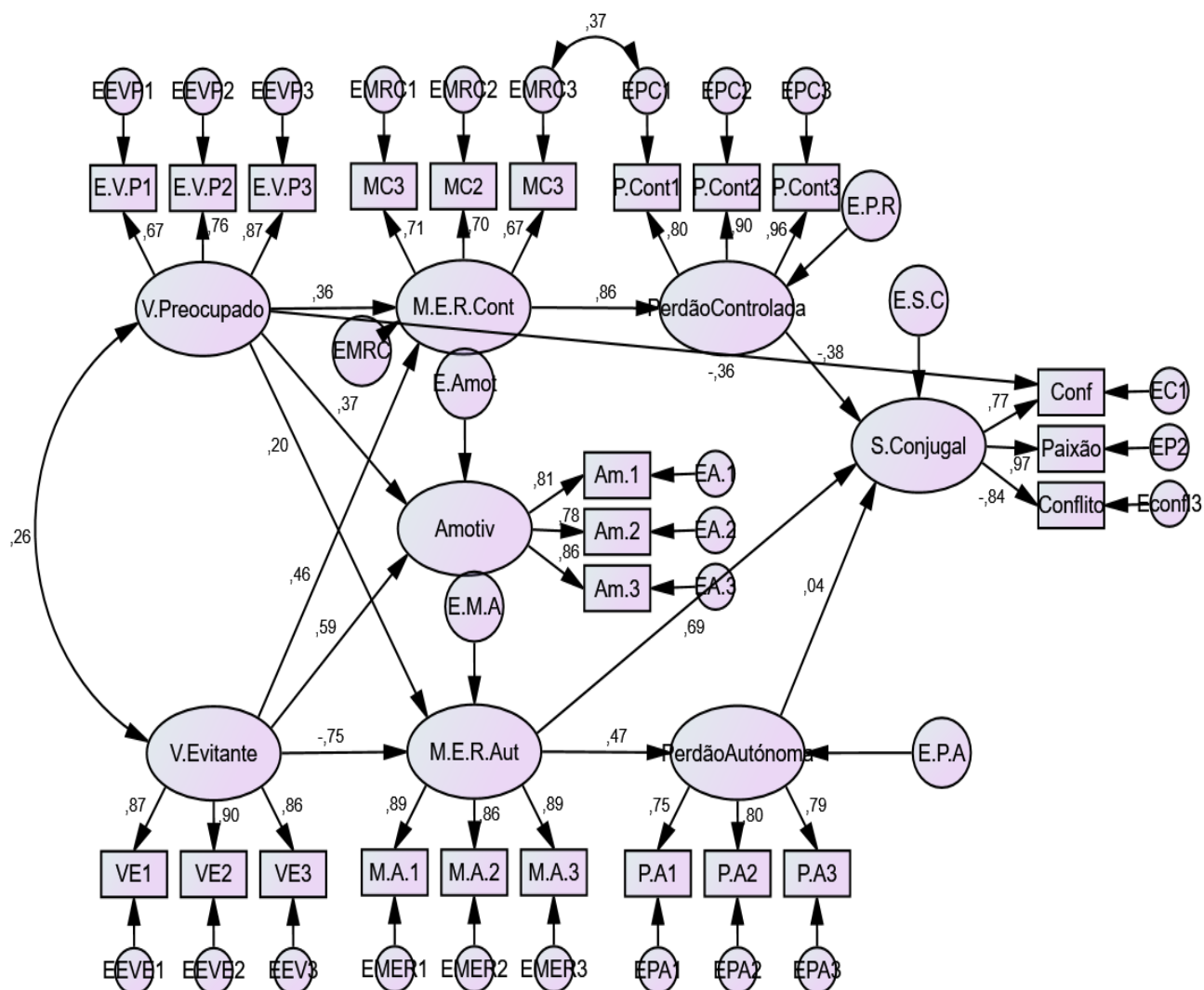
- Braithwaite, S., Selby, E., & Fincham, F.D. (2011). Forgiveness and relationship satisfaction: Mediating mechanisms. *Journal of Family Psychology*, 25, 551-559.
<http://dx.doi.org/10.1037/a0024526>.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult romantic attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York, NY, US: Guilford
- Calhau, T. V. S. (2014). *Infidelidades: Eu, tu, nós e os outros- Estudo de variantes e preditores do envolvimento extra-relacional*. Tese de doutoramento em Psicologia da Família, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2000). The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11, 227.
http://dx.doi.org/10.1207/S15327965PLI1104_01.
- Deci, E. L. & Ryan, R. M. (2008). Self-determination theory: A macrotheory of human motivation, development, and health. *Canadian Psychology*, 49, 182-185.
<http://dx.doi.org/10.1037/a0012801>.
- Division of Statistics + Scientific Computation (2012). *Structural equation modeling using AMOS: An introduction*. Austin, TX, US: University of Texas.
- Enright, R., & Fitzgibbons, R. (2000). *Helping clients forgive: An empirical guide for resolving anger and restoring hope*. Washington, DC, US: American Psychological Association. <http://dx.doi.org/10.1037/10381-000>.
- Fincham, F. D. (2010). Forgiveness: Integral to a science of close relationships? In M. Mikulincer & P. Shaver (Eds.), *Prosocial motives, emotions, and behavior: The better angels of our nature* (pp. 347-365). Washington, DC, US: American Psychological Association. <http://dx.doi.org/10.1037/12061-018>.

- Fincham, F. D., Beach, S. R., & Davila, J. (2004). Forgiveness and conflict resolution in marriage. *Journal of Family Psychology*, 18, 72-81. <http://dx.doi.org/10.1037/0893-3200.18.1.72>.
- Jackson, D. L., Gillasp, J. J., & Purc-Stephenson, R. (2009). Reporting practices in confirmatory factor analysis: An overview and some recommendations. *Psychological Methods*, 14, 6-23. <http://dx.doi.org/10.1037/a0014694>.
- Gordon, K. C., Burton, S., & Porter, L. (2004). Predicting the intentions of women in domestic violent shelters to return to partners: Does forgiveness play a role? *Journal of Family Psychology*, 18, 331-338. <http://dx.doi.org/10.1037/0893-3200.18.2.331>.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5, 1-22. http://dx.doi.org/10.1207/s15327965pli0501_1.
- Kachadourian, L. K., Fincham, F. D., & Davila, J. (2004). The tendency to forgive in dating and married couples: Association with attachment and relationship satisfaction. *Personal Relationships*, 11, 373-393.
- Knee, C.R., Patrick, H., Vietor, N.A., Nanayakkara, A., & Neighbors, C. (2002). Self-determination as growth motivation in romantic relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28, 609-619. <http://dx.doi.org/10.1177/0146167202288005>.
- Lind, W. R. (2008). *Casais biculturais e monoculturais: diferenças e recursos*. Tese de doutoramento em Psicologia Social, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.

- Lundahl, B. W., Taylor, M. J., Stevenson, R., & Roberts, K. D. (2008). Process-based forgiveness interventions: A meta-analytic review. *Research on Social Work Practice*, 18, 465-478. <http://dx.doi.org/10.1177/1049731507313979>.
- Mader, J. L. (2010). *O papel da internalização das motivações para a relação nas emoções de culpa e vergonha: Influências nas estratégias de conflito e na satisfação relacional*, Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Mattson, R. E., Rogge, R. D., Johnson, M. D., Davidson, E. K., & Fincham, F. D. (2013). The positive and negative semantic dimensions of relationship satisfaction. *Personal Relationship*, 20, 328-355. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1475-6811.2012.01412.x>.
- McCullough, M. E., Rachal, K. C., Sandage, S. J., Worthington, E. L., Brown, S. W., & Hight, T. L. (1998). Interpersonal forgiving in close relationship: II. Theoretical elaboration and measurement. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75, 1586-1603. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.75.6.1586>.
- McCullough, M. E., Worthington, E. L., & Rachal, K. C. (1997). Interpersonal forgiving in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73, 321-336. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.73.2.321>.
- McNulty, J. K. (2008). Forgiveness in marriage: Putting the benefits into context. *Journal of Family Psychology*, 22, 171-175. <http://dx.doi.org/10.1037/0893-3200.22.1.171>.
- McNulty, J. K. (2011). The dark side of forgiveness: The tendency to forgive predicts continued psychological and physical aggression in marriage. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 37, 770-783. <http://dx.doi.org/10.1177/0146167211407077>.
- Mikulincer, M. (1998). Adult attachment style and individual differences in functional versus dysfunctional experiences of anger. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 513-524. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.74.2.513>

- Monteiro, R. I. L. (2010). *As emoções de culpa e de vergonha nas relações românticas: Influência das motivações para a relação e do estilo de vinculação*. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Moreira, J. M., Lind, W., Santos, M. J., Moreira, A. R., Gomes, M. J., Justo, J., ... Faustino, M. (2006). "Experiências em Relações Próximas", um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos 56 adultos: Tradução e validação para a população Portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 4, 3-27.
- Paleari, G., Regalia, C., & Fincham, F. D. (2005). Marital quality, forgiveness, empathy, and rumination: A longitudinal analysis. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31, 368-378. <http://dx.doi.org/10.1177/0146167204271597>
- Reniers, R. L. E. P., Corcoran, R., Drake, R., Shryane, N.M., & Völlm, B.A. (2011). The QCAE: A Questionnaire of Cognitive and Affective Empathy. *Journal of Personality Assessment*, 93, 84-95. <http://dx.doi.org/10.1080/00223891.2010.528484>.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Intrinsic and extrinsic motivations: Classic definitions and new directions. *Contemporary Educational Psychology*, 25, 54-67. <http://dx.doi.org/10.1006/ceps.1999.1020>.
- Schreiber, J. B., Nora, A., Stage, F. K., Barlow, E. A., & King, J. (2006). Reporting structural equation modeling and confirmatory factor analysis results: A review. *The Journal of Educational Research*, 99, 323-338. <http://dx.doi.org/10.3200/JOER.99.6.323-338>.
- Thompson, L., Snyder, C., Hoffman, L., Michael, S., Rasmussen, H., Billings, L., ... Roberts D.E. (2005). Dispositional forgiveness of self, others, and situations. *Journal of Personality*, 73, 313-360. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-6494.2005.00311.x>.
- Worthington, E. L., Jr. (Ed.). (1998). *Dimensions of forgiveness: Psychological research and theological perspectives*. Philadelphia, PA, US: The Templeton Foundation Press.

ANEXOS



Anexo 1. Modelo de equações estruturais com os efeitos do estilo de vinculação

(preocupado e evitante) e das motivações para estar na relação (autónomas e controladas) nas motivações autónomas e controladas para o perdão e na satisfação na relação de casal, e os efeitos das motivações controladas e autónomas para o perdão na satisfação.

Itens	Fator 1	Fator 2
1-Devo dar uma segunda oportunidade à pessoa com quem estou	-,353	,524
2- O meu parceiro é mais valioso que os seus defeitos.	-,120	,733
3-Tenho dificuldade em acreditar que o meu parceiro me ofenda intencionalmente	-,102	,562
4-É mais fácil perdoar o meu parceiro do que vingar-me.	,014	,476
5-Para ser admirada pelo meu parceiro.	,337	,241
6-Porque posso precisar do meu parceiro no futuro.	,491	,205
7-Porque conquistámos muita coisa juntos.	,065	,772
8-Porque os conflitos destroem a relação.	-,098	,399
9-Para poder continuar a investir na relação.	,048	,731
11-Porque ele me deu muita coisa valiosa.	,144	,654
12-Porque sinto uma ligação muito forte com ele.	-,095	,769
14-Consigo perdoar o meu parceiro se ele se mostrar arrependido.	-,053	,671
15-Porque compreendo as razões do meu parceiro.	,085	,606
16-Os meus valores dizem-me para perdoar o meu parceiro.	,182	,452
17-Porque ele satisfaz as minhas necessidades.	,456	,497
18-Para que ele mude as suas atitudes.	,192	,501
19-Porque o meu parceiro já me perdoou outras coisas.	,294	,466
20-Não consigo ver o meu parceiro a sofrer por se sentir culpado.	,358	,457
24- É difícil para mim cultivar sentimentos de ressentimento e mágoa por alguém que amo.	,027	,376
25-Porque o nosso amor é capaz de superar todas as ofensas.	,343	,357
26- Porque preciso sentir-me ligado a alguém.	,626	,139
27-Se não perdoasse seria difícil para mim explicar essa atitude aos outros.	,802	-,032
28- Porque valorizo o meu parceiro.	,030	,637
29-Porque me sinto culpada pelo aquilo que o meu parceiro fez.	,684	,050
30-Porque me permite manter as vantagens que tiro desta relação.	,781	,070
31-Porque através dele consigo aceder a muitas coisas valiosas para mim.	,608	,225
32-Porque ele tem muita influência sobre muitas pessoas.	,831	-,154
33-Para não perder a estabilidade que esta relação me proporciona.	,596	,043
34-Porque a minha vida ficaria mais difícil.	,530	,203
35-Para não ser desaprovada pelos meus familiares e amigos.	,824	-,205
36-Porque ele me ajuda, ou aos meus familiares.	,474	,260
37-Porque é a minha obrigação.	,710	-,010
38-Porque me sinto pressionada pelos meus pais ou amigos.	,798	-,241
39-Porque a minha família ficará desapontada se me separar dele.	,796	-,246
40-Porque me sentiria culpada se não o fizesse.	,740	,099
41-Porque sinto que é o que os outros esperam de mim.	,788	-,158

Anexo 2- Saturações dos itens do Questionário de Motivações para o Perdão na análise

fatorial exploratória após rotação *Varimax*